O FIM DA MORTE? A CLONAGEM DE ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO E A DISSOLUÇÃO TECNOLÓGICA DAS FRONTEIRAS ENTRE A VIDA E A MORTE

The end of death? The cloning of pets and the technological blurring of the boundaries between life and death.

PEDRO PAULO SANTOS CAVALCANTE
ESCOLA SUPERIOR DE PROPAGANDA E MARKETING - ESPM

LARISSA LUZ RAPOSO
ESPM

SUZANE STREHLAU
ESPM

Comunicação:
O XIV SINGEP foi realizado em conjunto com a 14th Conferência Internacional do CIK (CYRUS Institute of Knowledge) e com a SPARK (Society for Promoting Academic Research and Knowledge), em formato híbrido, com sede presencial na UNINOVE - Universidade Nove de Julho, no Brasil.

O FIM DA MORTE? A CLONAGEM DE ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO E A DISSOLUÇÃO TECNOLÓGICA DAS FRONTEIRAS ENTRE A VIDA E A MORTE

Objetivo do estudo
Compreender como a clonagem de animais de estimação opera como estratégia tecnológica de enfrentamento da finitude, articulando as teorias do self estendido, Terror Management Theory (TMT) e pós-humanismo na relação entre consumo, identidade e morte.

Relevância/originalidade
O estudo avança ao analisar a clonagem de pets para além da biotecnologia, interpretando-a como prática de gestão do luto e continuidade identitária. Propõe o conceito original de "necroextensão afetiva", conectando consumo, tecnologia e finitude.

Metodologia/abordagem
Adotou-se abordagem qualitativa fenomenológica, com 18 entrevistas semiestruturadas realizadas com tutores e profissionais da indústria de clonagem, complementadas pela análise de 18 discussões no Reddit, totalizando 80.690 palavras analisadas.

Principais resultados
Os resultados indicam que a clonagem funciona como ritual contemporâneo de gerenciamento do luto, oferecendo sensação de continuidade afetiva e controle sobre a morte, ao restaurar simbolicamente o vínculo identitário entre tutor e animal.

Contribuições teóricas/metodológicas
O estudo amplia as teorias do self estendido e da TMT ao demonstrar que tecnologias biotecnológicas podem materializar estratégias de continuidade identitária, propondo a necroextensão afetiva como novo conceito para compreender vínculos pós-morte mediados pela tecnologia.

Contribuições sociais/para a gestão
Os achados auxiliam empresas e reguladores a compreenderem a vulnerabilidade emocional dos consumidores desse mercado, indicando a necessidade de práticas éticas, comunicação transparente e suporte emocional em serviços relacionados à clonagem de pets.

Palavras-chave: TMT, Self Estendido, Poshumanismo, Clonagem, Animais de Estimação

The end of death? The cloning of pets and the technological blurring of the boundaries between life and death.

Study purpose
To understand how pet cloning operates as a technological strategy for coping with finitude, articulating Extended Self, Terror Management Theory (TMT), and posthumanism within the relationship between consumption, identity, and death.

Relevance / originality
The study advances the literature by analyzing pet cloning beyond biotechnology, interpreting it as a practice of grief management and identity continuity. It proposes the original concept of "affective necroextension," connecting consumption, technology, and finitude.

Methodology / approach
A qualitative phenomenological approach was adopted, involving 18 semi-structured interviews with pet owners and cloning industry professionals, complemented by the analysis of 18 Reddit discussions, totaling 80,690 analyzed words.

Main results
The findings indicate that cloning functions as a contemporary ritual of grief management, providing a sense of affective continuity and control over death by symbolically restoring the identity bond between owner and animal.

Theoretical / methodological contributions
The study expands Extended Self and Terror Management Theory by demonstrating that biotechnological technologies can materialize strategies of identity continuity, proposing affective necroextension as a new concept for understanding post-death bonds mediated by technology.

Social / management contributions
The findings help companies and regulators understand the emotional vulnerability of consumers in this market, highlighting the need for ethical practices, transparent communication, and emotional support in pet cloning services.

Keywords: TMT, Extended Self, Post-humanism, Cloning, Pets

O fim da morte? A clonagem de animais de estimação e a dissolução tecnológica das fronteiras entre a vida e a morte.

1 Introdução

Em 1997, o mundo foi tomado de assombro pelo anúncio da primeira clonagem de um animal (Höing, 2019; Anderson, 2017; Masood, 1997). Quase três décadas depois, a tecnologia da clonagem se popularizou e passou a abranger múltiplas aplicações, que vão desde usos científicos, associados ao transplante de órgãos, tecidos ou células de um animal para um ser humano (Torres et al., 2024; Fritsche & Hoppe, 2019; Marino & Mountain, 2015), até aplicações comerciais, voltadas especialmente para animais de produção ou esporte (Selokar et al., 2022; Meyer, 2005), voltadas à replicação de indivíduos com alto valor econômico, desempenho superior, genética desejável ou elevada produtividade. Apesar dessa expansão, a literatura tem tratado a clonagem predominantemente como um avanço técnico ou econômico, marginalizando suas implicações para a experiência humana da vida e da morte.

Nesse cenário, a clonagem de animais de estimação emerge como uma aplicação singular, impulsionada exclusivamente por motivações afetivas (Trigg et al., 2016; Lou, 2002). Os pets deixam de ser percebidos apenas como companheiros e passam a ocupar uma posição central na construção identitária, sendo compreendidos como extensões simbólicas do self de seus tutores (Lopes et al., 2025; Ellis et al., 2024; Bouma et al., 2021). Esse fenômeno reflete um processo de antropomorfismo acentuado, no qual características humanas são projetadas sobre os animais, intensificando vínculos identitários e elevando a perda do pet a uma ameaça existencial imediata. Tal dinâmica alinha-se à Teoria do Terror Existencial (Terror Management Theory – TMT), que postula a construção de mecanismos de defesa psicológicos frente à consciência da finitude (Arendsen et al., 2025; Pyszczynski et al., 2020).

Paradoxalmente, enquanto os pets atuam como amortecedores de ansiedade emocional, sua mortalidade saliente ativa defesas intensas (Testoni et al., 2017; Marino & Mountain, 2015). Nesse contexto, a clonagem surge como uma estratégia tecnológica de imortalidade simbólica (Trigg et al., 2016), em sintonia com as ambições póshumanistas voltadas à superação das limitações biológicas (Höing, 2019; Anderson, 2017). Embora amplamente explorada sob perspectivas técnicas e econômicas, a clonagem permanece subinvestigada, especialmente no que diz respeito ao seu papel como mediadora simbólica do luto e de continuidade identitária. Essa lacuna é particularmente relevante, pois sugere que os mecanismos clássicos de gerenciamento da morte podem estar sendo reconfigurados por mediações tecnológicas emergentes. Diante disso, este estudo investiga a clonagem dos pets como um dispositivo simbólico da gestão do terror existencial mediado pela tecnologia.

Com base em uma abordagem qualitativa fenomenológica (Patton, 2015), o estudo combina entrevistas semiestruturadas com 10 tutores que clonaram ou estão em vias de clonar seus animais e com 8 profissionais da indústria da clonagem, além da análise de 18 discussões no fórum Reddit (n = 80.690 palavras).

Os achados indicam que a clonagem de animais de estimação opera como um ritual contemporâneo de negação da finitude, em que a tecnologia é mobilizada para replicar geneticamente o animal falecido e, sobretudo, restaurar simbolicamente a continuidade do self estendido do tutor. Os resultados sugerem que a clonagem oferece alívio emocional e uma percepção de controle sobre a morte. O estudo propõe o conceito original de necroextensão afetiva, que descreve como o consumo biotecnológico é acionado para estender, de forma identitária e emocional, a presença do animal para além da morte. Mais do que um mecanismo simbólico, a clonagem emerge como uma forma de continuidade materialmente mediada, na qual a morte é progressivamente negociada, operando como um simulacro de continuidade. A clonagem configura-se como um dispositivo de continuidade que tensiona os limites entre o natural e o artificial, o original e a cópia. Por fim, o estudo evidencia como tecnologias

emergentes reconfiguram as práticas de luto, ampliando o entendimento sobre a relação entre consumo, identidade e finitude.

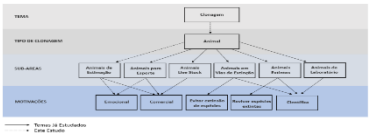
2 Fundamentação Teórica

A relação entre humanos e animais de estimação tem sido progressivamente reconfigurada em termos simbólicos e identitários. Nesse processo, o animal deixou de ocupar a posição de objeto de consumo funcional e passa a ser investido de significados profundos, integrando-se ao self do tutor. Este estudo articula a clonagem de pets ao debate mais amplo do pós-humanismo, explorando suas implicações existenciais à luz da TMT, bem como os processos de antropomorfização e incorporação ao self. Mais do que mobilizar esses campos de forma complementar, argumentamos que sua interseção revela uma tensão teórica não resolvida na literatura, que é a dificuldade de explicar como a finitude é negociada quando os limites entre o biológico, o simbólico e o tecnológico se tornam progressivamente indistintos.

2.1 A clonagem

A clonagem de animais, representou um marco na biotecnologia que transcende a mera replicação genética (Höing, 2019; Anderson, 2017). A clonagem animal na contemporaneidade evoluiu para diversas aplicações, conforme é possível observar na Figura 1, a clonagem de animais se divide em seis grandes subáreas: Animais de Estimação, Animais para Esporte, Animais Livestock, Animais em Vias de Extinção, Animais Extintos e Animais de Laboratório. Essas subáreas são impulsionadas por múltiplas motivações que vão desde questões comerciais, para ganhos econômicos, evitar extinção de espécies, reviver espécies extintas, questões científicas (avanços em biologia e medicina) e questões emocionais e afetivas.

Figura 1. Tipos de clonagem de animais, subáreas e motivações.



O ato da clonagem funciona como um catalisador na erosão das fronteiras ontológicas tradicionais, um movimento central ao debate pós-humanista (Braidotti, 2013). Enquanto o transumanismo promove ativamente a superação dos limites entre o orgânico e o tecnológico, o humano e o não-humano, o pós-humanismo vai além ao problematizar a própria centralidade ontológica do humano (Anderson, 2017; Braidotti, 2013). Nesse contexto, a clonagem reposiciona a vida não como um dado natural e finito, mas como uma informação biológica passível de manipulação, armazenamento e replicação, deslocando a gestão da vida e da morte para o campo tecnológico, tensionando a noção de finitude.

A leitura dominante tende a assumir a tecnologia como um avanço linear e instrumental, negligenciando suas implicações. É precisamente nessa lacuna que a clonagem de pets se torna teoricamente reveladora, pois se distingue pela sua motivação predominantemente afetiva, deslocando a racionalidade utilitarista da biotecnologia para a esfera da emoção (Höing, 2019). Ao operar nesse entre-lugar, essa prática evidencia uma tensão ainda pouco explorada, mais do que um recurso técnico, ela pode ser compreendida como uma resposta ao terror existencial descrito pela TMT, acionado pela experiência da perda. Nessa perspectiva, a recriação do companheiro falecido por meio da replicação genética configura uma tentativa de sustentar uma forma de imortalidade simbólica e de restaurar a coesão identitária (Anderson, 2017; Lynn, 2013; Testoni et al., 2017). Inaugura-se uma forma distinta de gerenciamento da morte, na qual a continuidade deixa de ser apenas imaginada para tornar-se materialmente mediada.

2.2 O paradoxo da vida e da morte

A saliência da morte funciona como um lembrete da finitude, que, por sua vez, ativa defesas (Arendsen et al., 2025; Pyszczynski et al., 2020). No contexto da morte de animais, em geral, esta funciona como um lembrete distante da fragilidade biológica para os humanos (Lifshin, 2023; Beatson et al., 2009). Paradoxalmente, a morte de animais de estimação, em

situações em que estes são percebidos como extensões afetivas do self do tutor, intensifica o terror de maneira pessoal (Testoni et al, 2017; Kuehne et al., 2017; Lifshin et al., 2017), ameaçando diretamente a integridade identitária do dono e demandando defesas psicológicas ainda mais intensas contra a ansiedade existencial.

O apego aos pets, à luz da TMT, revela um paradoxo, ao mesmo tempo em que os animais de estimação atuam como amortecedores eficazes de ansiedade, fornecendo companhia íntima (Lopes et al., 2025; Bouma et al., 2021), suporte emocional (Ellis et al., 2024) e reforço identitário (Khan et al, 2024). Sua mortalidade inerente, entretanto, os transforma em lembretes constantes da sua própria finitude (Testoni et al, 2017; Marino & Mountain, 2015). Quando o pet é percebido como uma extensão do self do dono, sua morte deixa de ser um evento distante e passa a representar uma ameaça existencial imediata, ativando a saliência da morte (Testoni et al., 2017; Kuehne et al., 2017; Lifshin et al., 2017.

De maneira paradoxal, enquanto os humanos buscam prolongar simbolicamente a própria existência por meio de deathbots, sistemas digitais que simulam a presença e memória de um falecido (Bao & Zeng, 2024; Lindemann, 2022), os pets passam a ser 'ressuscitados' materialmente por meio da clonagem. Ambas as estratégias negam a morte, mas o fazem por vias distintas, enquanto a simulação digital preserva a presença sem o corpo, a clonagem restaura o corpo sem garantir continuidade identitária. Esse duplo movimento revela estratégias distintas, porém convergentes, de enfrentamento da finitude. É nessa zona de tensão, onde a tecnologia intervém para preservar vínculos ameaçados, onde no caso dos pets, a perda do animal é vivida não apenas como morte do outro, mas como uma fratura do próprio self.

2.3 O antropomorfismo e o extended self

Os animais de estimação têm extrapolado o seu sentido de produto/objeto (Khan et al., 2024; Boya et al., 2012; Warde, 2005), revelando um intrincado sistema de significados na relação entre o indivíduo, meio social e o animal em si (Lopes et al., 2025; Ellis et al., 2024; Bouma et al., 2021). A relação entre humanos e seus pets têm sido evidenciada por um processo progressivo de reconfiguração simbólica (Dotson & Hyatt, 2008; Holbrook et al., 2001), em que os pets são um extended self dos seus donos e do estilo de vida (Belk, 1996; Hirschman, 1994).

Essa incorporação simbólica é também sustentada por um acentuado processo de antropomorfismo dos pets, no qual são atribuídas características mentais, emocionais ou humanas aos animais de estimação (Prato-Previde et al., 2022; Chen et al., 2012), atuando como um mecanismo fundamental para a construção de vínculos afetivos e relações de identidade (Lopes et al., 2025; Bouma et al., 2021). Essa identificação afetiva estabelece o animal de estimação como um ator central no sistema identitário de seu dono (Khan et al, 2024; Belk, 1996). No entanto, essa incorporação eleva o animal a um investimento existencial cuja finitude biológica representa uma ameaça ao self do tutor (Khan et al., 2024; Kuehne, et al., 2022; Lifshin et al., 2017).

Estudos sugerem que donos de pets com alto grau de conexão afetiva sofrem antecipadamente com a possibilidade da morte do animal, introduzindo o risco de terror da perda (Kuehne et al., 2017; Lifshin et al., 2017). Esse vínculo intensifica a carga simbólica da relação, convertendo o animal em um investimento existencial (Testoni et al., 2017; Trigg et al., 2016). Embora a literatura reconheça o caráter expansivo do extended self, ao mostrar como objetos e relações ampliam a identidade, tende-se a negligenciar sua dimensão de vulnerabilidade, especialmente diante da perda desses elementos. Nesse contexto, a relação com pets, mais do que um caso extremo de apego, revela um limite estrutural da teoria do self estendido diante da finitude, evidenciando sua dificuldade em lidar com a perda dos elementos que o constituem e abrindo espaço para novas formas tecnológicas de compensação identitária.

2.4 Síntese

Em síntese, o framework conceitual apresentado na Figura 2 organiza e integra os principais conceitos discutidos nesta revisão, evidenciando como identidade, gerenciamento do terror e clonagem de pets operam de forma interdependente, em uma dinâmica de influência mútua, tensão e retroalimentação entre processos psicológicos, simbólicos e tecnológicos.

Figura 2. Modelo Conceitual mostra a relação entre Identidade, Gerenciamento do Terror e Clonagem.



O primeiro núcleo conceitual, Identidade, articula duas dimensões: antropomorfismo e o self estendido. A projeção de traços humanos sobre os animais, favorece a construção de vínculos afetivos profundos (Lopes et al., 2025; Ellis et al., 2024), os quais, por sua vez, reforçam a incorporação simbólica do pet como extensão do self (Belk, 1996; Hirschman, 1994). Esse processo não ocorre de maneira hierárquica, mas de retroalimentação, uma vez que o antropomorfismo fortalece o papel do animal na identidade do tutor.

Esse investimento identitário, contudo, torna-se uma fonte de vulnerabilidade existencial, conectando-se diretamente ao segundo núcleo do framework: o Gerenciamento do Terror. A eminência da morte do pet atua como um gatilho de saliência da mortalidade, conforme descrita pela TMT. Conforme ilustrado no modelo, a ativação do terror, a saliência da morte e os mecanismos defensivos formam um sistema interno interligado, no qual a ameaça à finitude não apenas remete à morte do animal, mas também compromete a coesão identitária do self estendido (Testoni et al., 2017; Kuehne et al., 2017). É nesse ponto que emerge o terceiro núcleo do modelo: a Clonagem de Pets.

A clonagem de pets emerge como uma estratégia tecnológica de gerenciamento do luto e da imortalidade, ainda que simbólica, alinhando-se aos ideais do PósHumanismo de superação das limitações biológicas por meio da manipulação genética, dissolvendo as fronteiras entre vida e morte, humano e não-humano, natureza e técnica, orgânico e artificial (Anderson, 2017; Braidotti, 2013). Ao fazer isso, o fenômeno desafia simultaneamente três pressupostos centrais da literatura: (1) que o consumo estende o self apenas simbolicamente; (2) que o gerenciamento da morte é predominantemente cultural; e (3) que a tecnologia opera como meio instrumental. A partir desse enquadramento, este estudo examina a clonagem de pets como uma prática afetivamente motivada, ainda pouco explorada pela literatura, especialmente no que se refere às articulações entre o vínculo emocional, o self estendido e o manejo da finitude.

3 Método

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa fenomenológica (Patton, 2015), fundamentando-se na realização de entrevistas e na análise de conteúdo em três blocos: (1) construção contextual com especialistas no ecossistema de clonagem de animais; (2) entendimento de percepções com indivíduos que se tornaram clientes dessa indústria de clonagem; e (3) entendimento do debate social sobre o tema por meio de análise de conteúdo de relatos anônimos em rede social.

Dada a escassa literatura sobre a clonagem de animais de estimação, este estudo optou por uma abordagem ampliada, mapeando e entrevistando atores de todo o ecossistema envolvido no tema, conforme ilustrado na Figura 3. Além dos donos de pets diretamente afetados e dos profissionais da indústria, considerou-se também a perspectiva de empresas do setor, reguladores, jornalistas especializados, assim como foram analisadas postagens em redes sociais, visando uma compreensão mais abrangente e multifacetada do fenômeno. Essa estrutura triaxial permitiu uma compreensão abrangente do tema, indo além das experiências individuais para incluir as dinâmicas institucionais, regulatórias e discursivas que moldam a clonagem de pets.

Figura 3. Mapa de Atores e Ecossistema da Clonagem de Animais de Estimação



Nesse contexto, entre setembro e dezembro de 2025, foram realizadas entrevistas com 10 donos de pets que já clonaram ou estão em processo de clonar seus animais de estimação e 8 profissionais da indústria com mais de 5 anos de experiência, totalizando 18 participantes. Esse número revelou-se suficiente para atingir a saturação teórica das respostas (Moore et al., 2024). Essa pesquisa foi submetida ao comitê de ética em pesquisa, conforme a Resolução nº 510/2016 e aprovada sobre o número de CAAE 93915625.5.0000.9127. Todos os participantes consentiram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

3.1 Seleção de participantes e coleta de dados

A prospecção dos entrevistados foi realizada no Instagram, TikTok, Reddit e LinkedIn. Ao todo, foram analisados 2.632 posts, a partir dos quais 98 pessoas foram contatadas por declararem ter clonado ou pretenderem clonar seus pets. Destas, 23 responderam e 18 participaram efetivamente da pesquisa, sendo 10 tutores (Tabela 1) e 8 especialistas da indústria (Tabela 2).

Tabela 1. Características sociodemográficas dos participantes e dados relevantes.

Entrevistado	País	Gênero	Idade	Clonou (Sim ou Não)	Espécie do Pet
C1	Brasil	Feminino	42	Não	Cachorro
C2	Estados Unidos	Masculino	39	Sim	Cachorro
C3	Estados Unidos	Feminino	42	Sim	Cachorro
C4	Estados Unidos	Feminino	36	Sim	Gato
C5	Estados Unidos	Feminino	32	Não	Cachorro
C6	Estados Unidos	Feminino	-**	Não	Cachorro
C7	Estados Unidos	Feminino	44	Sim	Gato
C8	Estados Unidos	Masculino	47	Sim	Cachorro
C9	China	Masculino	-**	Sim	Cachorro
C10	Brasil	Masculino	-**	Sim	Cachorro

** Não revelou a idade

Tabela 2. Características sociodemográficas dos participantes que trabalham na indústria de clonagem de animais.

Entrevistado	País	Gênero	Cargo	Expertise	Tempo no Cargo
E1	China	Masculino	Gerente de Operações	Esporte & Pets	15 anos
E2	USA	Masculino	Gerente de Marketing	Esporte & Pets	7 anos
E3	Holanda	Feminino	Jornalista	Esporte & Pets	5 anos
E4	Brasil	Masculino	Gerente de Operações	Live Cattle & Esporte	15 anos
E5	Brasil	Masculino	Pesquisador	Live Cattle	18 anos
E6	Brasil	Masculino	Pesquisador & Regulador	Live Cattle	47 anos
E7	Brasil	Masculino	Pesquisador & Regulador	Live Cattle & Silvestre	32 anos
E8	Brasil	Feminino	Diretora	Live Cattle & Esporte	27 anos

As entrevistas foram semiestruturadas e organizadas em torno de três eixos: relação humano-animal, decisão pela clonagem e implicações éticas da prática. No caso dos especialistas, buscou-se diversidade de perfis e áreas de atuação, incluindo operações, pesquisa, regulação, marketing e comunicação, a fim de compor uma base contextual do setor. Para captar o debate social, analisaram-se discussões no Reddit, escolhido por permitir relatos extensos e menor identificação dos usuários. Foram inicialmente localizadas 26 discussões por meio de combinações de palavras-chave relacionadas à clonagem e a pets. Após a exclusão de propaganda e de conteúdo sem debate substantivo, 18 compuseram o corpus final (Tabela 3). O corpus de pesquisa totalizou 80.690 palavras, analisando 456 emissores de mensagens, sendo

21.200 palavras provenientes das entrevistas com clientes, 25.500 das entrevistas com especialistas e 33.990 das análises de discussões no Reddit.

Tabela 3 – Discussões do Reddit analisadas

Fonte	# Interlocutores	# Palavras	Característica da discussão
R1	78	5.209	Opiniões sinceras sobre clonagem de gato.
R2	25	1.779	Crítica à futilidade e eugenia.
R3	71	5.876	Viabilidade econômica e riqueza.
R4	60	5.495	Gêmeos e individualidade biológica.
R5	62	4.797	Processo de decisão e desistência.
R6	24	3.499	Experiência prática e custos.
R7	4	792	Terror e o clone "sem alma".
R8	10	603	Ética da finitude e adoção.
R9	6	600	Visão política e moralidade.
R10	12	548	Teologia e a natureza da alma.
R11	9	611	Desespero e conforto genético.
R12	18	698	Clonagem humana e distopia.
R13	12	1.317	Legislação local e transnacional.
R14	5	647	Natureza vs. Criação (Nurture).
R15	11	892	Maneirismos e repetição de hábitos.
R16	14	910	Olfato e reconhecimento químico.
R17	9	449	Medo do estranho e substituição.
R18	10	268	Folclore gótico e lendas urbanas.

3.2 Análise dos dados e saturação

As entrevistas foram transcritas por meio da aplicação web TurboScribe.ai, os relatos online foram organizados e todo o corpus foi importado para análise no MaxQDA. Em etapas operacionais de tratamento textual, utilizou-se o apoio de IA generativa para a organização e o pré-processamento do material. Gemini 3 foi utilizada exclusivamente em tarefas operacionais de organização e tratamento textual, sem participação autônoma na interpretação analítica. A análise seguiu a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2016). Dois pesquisadores codificaram independentemente as entrevistas e as discussões, harmonizando em seguida os códigos de primeira ordem e seu agrupamento em categorias temáticas. Posteriormente, os códigos atribuídos às entrevistas foram submetidos à validação junto aos respectivos participantes.

A saturação temática foi alcançada no corpus de clientes na oitava entrevista, quando os temas passaram a se repetir sem emergência de novos códigos substantivos (Moore et al., 2024). Duas entrevistas adicionais foram mantidas para confirmação da redundância analítica e da robustez interpretativa.

3.3 Triangulação

A triangulação integrou revisão da literatura, entrevistas com especialistas, entrevistas com clientes e análise de discussões no Reddit. O processo envolveu seis etapas sequenciais: revisão teórica, construção contextual, aprofundamento com clientes, levantamento do debate social, codificação e interpretação dos dados (Figura 4).

Figura 4. Triangulação entre a literatura, entrevistados e pesquisadores.



A primeira fase consistiu na revisão de literatura sobre clonagem. A segunda, a construção contextual, foram conduzidas entrevistas com especialistas que compõem o ecossistema. A fase seguinte foi a de aprofundamento no tema, e foram feitas as entrevistas com clientes. Na quarta fase, foi feito o levantamento do debate social por meio das discussões no Reddit. Na quinta fase, dois pesquisadores codificaram as entrevistas individualmente e, na fase seguinte, confrontaram suas codificações entre si e validaram a acurácia dos códigos criados, enviando-os aos entrevistados para que confirmassem se os códigos representavam suas falas e ideias. A fase final foi a de interpretação dos dados, na qual foram confrontados os resultados das entrevistas com as postagens nas redes sociais e foram gerados os resultados das pesquisas. Na figura 4 é possível observar o encadeamento evolutivo. Na Tabela 4, é possível observar a construção do contexto a partir da interação com especialistas.

Tabela 4 - Construção de Contexto

Domínio Temático	Contribuição
Evolução da Técnica: Desde a Ovelha Dolly até os primeiros sucessos no Brasil (2002/2003).	Explica por que a técnica ainda é vista como "nova" e experimental pelos justificando a aura de pioneirismo.
Biologia e Epigenética: Processos de reprogramação celular e erros epigenéticos.	Provê a base científica para entender por que os clientes notam diferenças comportamentais em seus animais.
Distinção de Mercados (Gado vs. Cavalo vs. Pet): Divisão entre valor econômico, performance esportiva e afeto.	Contextualiza a "área cinzenta" onde proprietários de cavalos e pets opera misturando investimento com emoção.
Dinâmica Comercial Global: Logística internacional, casos urgentes, perfil do cliente de luxo e custos.	Explica a estrutura por trás dos valores pagos pelos clientes e a gestão em momento da perda.
Fronteira Biomédica e Futuro: Clonagem para transplantes, mini-pigs e produção de anticorpos.	Oferece um contraponto ético à clonagem de pets, mostrando o lado "útil" humanitário da ciência.
Sociologia e Cultura: Individualismo ocidental, tecnologia como anestesia para o luto e o tabu europeu.	Ajuda a interpretar o comportamento dos clientes de esconder a clonagem necessidade social de substituir vínculos.
Legislação e Regulamentação: O papel do Ministério da Agricultura, ABCZ e associações de raça.	Provê o contexto legal brasileiro que permite a existência desse mercado e para competições e registros.

A articulação entre todas as fontes permitiu confrontar perspectivas técnicas, afetivas e públicas sobre a clonagem de pets e sustentar a construção das categorias analíticas presentes na Tabela 5.

Tabela 5 - Agrupamento de Códigos em Categorias

Categoria Resultante (Dimensão Analítica)	Principais códigos de 1ª ordem agrupados	Núcleo Teórico	Definição Teórico-Empírica
Interdependência Ontológica (Simbiose)	Vínculo Familiar, Histórico, Suporte Emocional, Relação Humano-Animal.	Antropomorfismo e *Self* Estendido	O pet deixa de ser um animal para tornar-se um componente vital da coesão identitária do tutor.
Escudo Existencial Biotecnológico	Desespero, Negação da Morte, Seguro do DNA, A Justificativa, Negação da Finitude.	Gerenciamento do Terror e Defesas (TMT)	A tecnologia atua como um mecanismo defensivo primário contra a saliência da morte e a angústia da perda.
Restauração de Continuidade Física (Simulacro)	Semelhança, Reviver/Nostalgia, O Clone, O Loop, Memória Celular, Performance.	Imortalidade Simbólica e Transumanismo	O uso da genética para dissolver a fronteira entre o orgânico e o artificial, simulando o retorno do indivíduo.
Ambivalência Bioética e Social	Estigma/Tabu, Ciência e Ética, Gastos com Pets, Eugenia, Adoção (Shelter).	Conflitos Éticos e Socioidentitários	A tensão entre o direito individual à imortalidade simbólica e o julgamento moral da coletividade.

Essas categorias carregam dilemas e diferentes interpretações entre especialistas, clientes e o debate social. A Tabela 6 demonstra a comparação entre as perspectivas de especialistas, clientes e do debate social e o dilema temático que isso suscita.

Tabela 6 - Quadro de Comparação de Perspectivas

Categoria Resultante (Dimensão Analítica)	Dilema Temático	Especialistas (Técnico/Comercial)	Clientes (Afetivo/Privado)	Reddit (Social/Público)
Interdependência Ontológica (Simbiose)	**Ontologia do Pet:** Hardware Biológico vs. Extensão do Eu	Definem o pet como um fenótipo de alto valor; o foco é na excelência da genética replicável.	O animal é uma fração da identidade do dono; sua perda ameaça a coesão do "eu" estendido.	O clone é um simulacro inatural; uma cópia física que falha em capturar a biografia única.
Escudo Existencial Biotecnológico	**Resposta à Finitude:** Pragmática do DNA vs. Anestesia da Perda	Vendem a "preservação da esperança"; a técnica é uma janela de oportunidade comercial e biológica.	A clonagem atua como um mecanismo defensivo primário para mitigar o desespero e a saliência da morte.	Exigem o enfrentamento do luto; a tentativa de evitar a morte é vista como falha de maturidade emocional.
Restauração de Continuidade Física (Simulacro)	**Imortalidade Simbólica:** Replicação Técnica vs. Ilusão de Identidade	Garantem a continuidade funcional e estética; a técnica supera a limitação do tempo biológico.	Buscam a "alma" nos maneirismos; o clone é a segunda chance de reviver o vínculo através do loop.	Denunciam a perda da unicidade; clonar é visto como um ato de desvalorização da vida original.
Ambivalência Bioética e Social	**Fronteira Ética:** Soberania do Desejo vs. Julgamento Coletivo	Focam na legitimidade científica e nas normas de biossegurança e mercado de elite.	Reivindicam o direito ao afeto; a clonagem é uma escolha privada que ignora o estigma social.	Atuam como tribunal moral; confrontam o custo da técnica com o "dever moral" da adoção em abrigos.

4 Achados

Guiada pela metodologia de análise de conteúdo de Bardin (2016) e utilizando um processo de codificação sistemático, a interpretação dos dados das entrevistas resultou na classificação dos achados em quatro categorias temáticas: (1) Do Vínculo ao Antropomorfismo; (2) Negociando a Morte; (3) O Mercado da Clonagem; e (4) A Tensão Ética e o Horizonte Pós-Humanista. Essas categorias refletem a natureza multidimensional da clonagem de animais de estimação. A seguir, cada categoria será explorada, com apoio das narrativas dos participantes e revelações interpretativas.

4.1 Do vínculo ao antropomorfismo

A clonagem de pets não se inicia no laboratório, mas sim na percepção do animal como componente vital da coesão identitária do tutor. Como previsto pela teoria do self estendido, o pet deixa de ser um objeto externo para tornar-se parte do "eu". A perda, portanto, não é apenas um luto afetivo, mas também uma ameaça à integridade do próprio indivíduo. Isso se torna evidente em falas como "Eu não consigo me ver sem ele. Ele não era um cachorro, era minha sombra, uma extensão de quem eu sou. Clonar é a única forma de não perder um pedaço de mim mesma." (C1).

Os entrevistados relataram possuir um histórico de convivência com animais de estimação. No entanto, em determinado momento de suas trajetórias, o vínculo estabelecido com o animal que deu origem ao clonado passou a ser percebido como qualitativamente distinto, sendo descrito pelos entrevistados como único, espiritual e insubstituível. Os relatos evidenciam que esse vínculo foi particularmente intensificado em contextos de vulnerabilidade emocional, onde o pet é mencionado como um importante fator de superação. A fala de C3 destaca o papel central de seu cachorro como suporte afetivo para superar uma relação amorosa abusiva: "Ele me salvou de um jeito que ninguém entende. Eu tinha acabado de sair de um relacionamento abusivo, estava despedaçada, e ele era o único que me fazia sentir segura de novo. Ele não me julgava, ele só estava lá. O vínculo não era de dono e animal, era de sobrevivência mútua.".

A forma como esse vínculo foi forjado ultrapassa a noção tradicional de posse ou companhia e é recodificada simbolicamente como um laço excepcional, que alguns participantes chegaram a definir como uma relação de “alma gêmea”. Observa-se aqui como os pets atuam como amortecedores de ansiedade (Lopes et al., 2025; Bouma et al., 2021), fornecendo suporte emocional e reforçando o vínculo emocional e de intimidade com o dono.

Embora esse vínculo humano–animal seja construído de forma gradual ao longo do tempo, relatos indicam que ele tende a se tornar mais saliente em situações de ameaça à vida do pet, como o surgimento de doenças graves.

Nessas circunstâncias, observa-se um aprofundamento do compromisso emocional e material por parte dos donos, expresso em sacrifícios financeiros e renúncias pessoais significativas. C1 relatou destinar cerca de 70% de sua renda mensal para gastos com os cuidados com a saúde de seu cachorro: "Eu cheguei a gastar 70% do que eu ganhava no mês com o Guto. Eu deixava de fazer as minhas coisas, deixava de comprar roupa, deixava de viajar para ele ter o melhor tratamento possível... era uma escolha consciente de priorizar a vida dele sobre o meu consumo.". Em paralelo, outros participantes afirmaram priorizar gastos com seus pets em detrimento de viagens. Cada uma dessas renúncias, das mais cotidianas às mais expressivas, contribui para intensificar o vínculo, aproximando progressivamente o animal do universo simbólico humano.

Essa simbiose é o que justifica o alto investimento financeiro, visto não como um gasto, mas como a manutenção da própria estrutura psíquica. Em contrapartida, os especialistas contextualizam que esse antropomorfismo radical é o motor do mercado: "O cliente que nos procura não quer 'um' cachorro; ele quer 'aquele' vínculo. Nós entregamos a base biológica para que ele possa reconstruir essa extensão da sua vida." (E2).

Uma vez consolidada essa relação antropomorfizada, o animal de estimação deixa de ocupar apenas o lugar de companheiro e passa a integrar o self estendido de seu dono (Belk, 1996; Hirschman, 1994). Nos relatos, encontramos os pets descritos a partir de atributos tipicamente humanos. C1 afirmou que seu cachorro gostava de acompanhá-la à academia: "Ele era meu parceiro de tudo, inclusive ia comigo para a academia. Ficava lá quietinho, me esperando terminar o treino, todo mundo já o conhecia e tratava como um aluno também.". Enquanto C6 destacou a sensibilidade emocional do seu animal, e C4 descreveu seu gato como educado e sociável. Essas narrativas indicam que, ao atribuírem virtudes humanas aos seus pets, os entrevistados projetam neles traços de sua própria identidade. Por uma perspectiva psicanalítica, os animais tornam-se depositários simbólicos das qualidades que os donos reconhecem em si mesmos, funcionando como extensões afetivas e identitárias (Kuehne et al., 2017; Lifshin et al., 2017).

4.2 Negociando a morte

A saliência da morte é geralmente desencadeada por doenças graves ou pelo simples medo da perda, emergindo como um dos principais gatilhos que levam os entrevistados à clonagem. Os relatos revelam situações que vão de diagnósticos de câncer a mortes prematuras. A própria antecipação da perda já é suficiente para intensificar a angústia dos donos, C6 demonstrou um medo tão agudo da perda que, há mais de dois anos, paga uma mensalidade para manter o material genético de seu cachorro congelado, mesmo com o animal sendo jovem e com boa saúde. Essa ativação precoce da angústia alinha-se à TMT, na qual a consciência da finitude gera terror existencial e ativa defesas psicológicas para mitigar a ansiedade (Pyszczynski et al., 2020; Lifshin et al., 2017).

É importante destacar que os entrevistados afirmaram possuir histórico de adoção de animais abandonados, o que indica que a recusa da morte não se refere à perda de um pet qualquer, mas à perda específica do animal com o qual o vínculo singular foi forjado. Nos discursos, a clonagem aparece simultaneamente como expressão do medo de romper a conexão afetiva e como um mecanismo de amortecimento do luto, ao possibilitar a continuidade de certos traços do animal perdido.

Contudo, a negociação da finitude observada vai além da simples preservação de memórias ou da negação da morte biológica, manter vivo o vínculo com o pet significa, também, preservar aspectos centrais do próprio self do dono. Nesse sentido, a clonagem opera como um alívio antecipado da dor do luto, não apenas pela perda física do animal, mas pela

ameaça à dimensão simbólica da identidade que o animal representa, uma dinâmica que reflete a literatura sobre o pet como extended self, cuja finitude ameaça diretamente a coesão identitária (Belk, 1996; Kuehne et al., 2017; Testoni et al., 2017). O que está em jogo, portanto, não é apenas a morte do animal de estimação, mas o desaparecimento de uma parte da história de vida e da constituição subjetiva de seu dono.

Nos relatos, a clonagem é frequentemente descrita de forma subjetiva como a esperança de um retorno do animal original em um novo corpo. Em uma análise mais aprofundada, o que se busca não é apenas a replicação genética, mas a continuidade da essência da relação humano-animal ou da identidade simbólica do pet. A projeção do animal original sobre o clone é tão intensa que alguns entrevistados optaram por manter o mesmo nome, reforçando a expectativa de continuidade.

C4 afirmou que considerava sua experiência de clonagem bem-sucedida não pela semelhança física, mas pelo fato de o clone apresentar comportamentos interpretados como equivalentes aos do original: "Para mim, a clonagem foi um sucesso não porque ela é a cara da minha cachorra antiga, embora seja, mas porque ela faz as mesmas 'gracinhas'. Ela senta do mesmo jeito tortinho, ela tem as mesmas manias. É isso que me faz sentir que ela está aqui de novo. A semelhança física é o de menos perto de ver nela o mesmo jeito de me olhar". Ainda sob essa projeção, diversos relatos evidenciam a confirmação ambivalente de semelhanças comportamentais: uma entrevistada relatou hábitos alimentares idênticos, outra destacou personalidade equivalente, e um terceiro descreveu o clone como uma 'reencarnação'. Apesar do reconhecimento racional de que o clone é uma vida distinta, os depoimentos revelam que a experiência vivida é interpretada por matrizes afetivas ancoradas no animal perdido, sustentando a narrativa de permanência do vínculo afetivo.

Em um outro relato, uma entrevistada afirmou que, antes de adotar seu cachorro, ela costumava viajar com frequência para o exterior, mas que, após a adoção, passou a evitar viagens longas por não confiar o cuidado do animal a terceiros: "Eu viajava muito para o exterior, fazia viagens longas, era o que eu mais gostava de fazer. Mas depois que o Guto entrou na minha vida, eu parei. Eu não viajo mais para longe porque eu não tenho coragem de deixá-lo com ninguém. Eu não confio o cuidado dele a terceiros, sinto que ninguém vai entender as necessidades dele ou cuidar dele com o mesmo amor e atenção que eu." (C1). Apesar do cachorro estar em plena saúde, ela optou por armazenar preventivamente seu material genético, afirmando que, quando o animal falecer, ela pretende passar alguns anos viajando e, posteriormente, realizar a clonagem. Este relato evidencia de forma particularmente clara o caráter projetivo da clonagem, na medida em que o clone é esperado não apenas como substituto do animal perdido, mas como elemento capaz de restaurar um modo de vida específico.

Mais do que recuperar o pet, o que se busca é a preservação de uma configuração identitária e cotidiana anterior à perda, ilustrando o paradoxo da TMT, em que os pets atuam como amortecedores de ansiedade, mas sua mortalidade ativa defesas extremas contra a finitude (Lopes et al., 2025; Kuehne et al., 2017). A presença do animal, ainda que clonado, oferece aos entrevistados um sentimento de continuidade e controle diante de um mundo percebido como instável e em constante transformação. Nesse sentido, a clonagem de animais de estimação pode ser compreendida como um investimento financeiro-afetivo orientado à manutenção do self. A clonagem transcende a tecnologia reprodutiva para operar como dispositivo simbólico de sustentação da identidade, que conecta o apego aos pets ao gerenciamento do terror existencial e à superação pós humanista das limitações biológicas (Anderson, 2017).

4.3 O mercado da clonagem

Os dados empíricos evidenciam uma distinção clara entre a clonagem de animais de estimação e a clonagem de animais destinados ao esporte ou à produção agropecuária. No segundo caso, a clonagem assume um caráter eminentemente mercadológico e instrumental, sendo orientada pela performance, produtividade e retorno financeiro. A tecnologia é

compreendida como um investimento econômico estratégico, alinhando-se às motivações utilitárias e econômicas destacadas na literatura.

Em contraste, no caso dos pets, a clonagem não está associada a qualquer expectativa de valorização comercial. Nenhum dos animais clonados mencionados pelos entrevistados pertencia a raças consideradas nobres. Trata-se, portanto, de uma prática orientada exclusivamente por motivações emocionais, voltada à satisfação afetiva e simbólica de seus donos, o que a posiciona como uma subárea singular no espectro da clonagem (Höing, 2019; Anderson, 2017).

Um dos produtos centrais oferecidos por esse mercado é o banco de células, também denominado “seguro de DNA”, no qual empresas coletam e armazenam material genético do animal mediante o pagamento de uma mensalidade. Entre os entrevistados, dois afirmaram utilizar esse serviço de forma preventiva, enquanto uma terceira relatou que recorreu ao banco genético quando seu cachorro iniciou o tratamento contra o câncer, possibilitando a clonagem após o óbito do animal. Esse serviço, apresentado como uma solução tecnológica para antecipar e controlar a perda (Arendsen et al., 2025; Pyszczynski et al., 2020), reflete a clonagem de pets como resposta afetiva ao terror existencial (Arendsen et al., 2025), deslocando a biotecnologia para a esfera da emoção e da memória (Anderson, 2017; Höing, 2019).

Embora esse serviço seja apresentado como uma solução tecnológica de controle a perda, os relatos indicam que o processo de clonagem é frequentemente vivido como um período de intenso estresse emocional. Em muitos casos, as decisões relacionadas à coleta, ao armazenamento e à clonagem ocorrem em contextos críticos, como de estágio de doença terminal, onde a vulnerabilidade emocional dos donos amplifica o investimento afetivo: "Muitas vezes o primeiro contato do cliente é no momento do desespero, quando o animal já está em estágio terminal ou acabou de falecer. Existe uma janela de tempo muito curta para a coleta das células. É um momento de vulnerabilidade extrema onde a decisão precisa ser rápida para não perder o DNA para sempre." (E1). Essa tensão entre a promessa tecnológica de continuidade e o sofrimento vivido, posiciona a clonagem de pets como estratégia extrema de gerenciamento do terror existencial e dissolução de fronteiras entre vida e morte (Braidotti, 2013; Anderson, 2017).

4.4 A tensão ética e o horizonte pós-humanista

Um dos dilemas centrais que emergem das narrativas diz respeito à ética de se comercializar um serviço de alto custo financeiro e de alta complexidade tecnológica para indivíduos em estado de sofrimento emocional agudo. A decisão pela clonagem, na maioria dos relatos, ocorre em contextos de doença terminal ou logo após a morte do animal, quando o luto ainda não foi elaborado e o dono do pet encontrava-se em grande estresse emocional. Nesse contexto, a relação entre oferta e demanda é mediada pela negação da perda e pela busca de alívio imediato da dor. Essa dinâmica expõe a ativação de defesas psicológicas prevista pela TMT, quando a mortalidade se torna saliente (Testoni et al., 2017; Kuehne et al., 2017).

Esse contexto de alta demanda emocional ajuda a compreender a intensidade da projeção do animal original sobre o clone, na qual não se espera apenas a replicação genética, mas a continuidade simbólica da identidade do pet perdido. Embora especialistas enfatizem que o clone é geneticamente idêntico à matriz, também ressaltam que o comportamento, a personalidade e os vínculos são moldados pelo ambiente, pela socialização e pelas contingências da vida cotidiana. Assim, ainda que compartilhem o mesmo DNA, os clones inevitavelmente desenvolvem trajetórias singulares. Nas redes sociais, especialmente quando anônima, atua como o principal polo dessa resistência, confrontando o afeto privado com o dever ético público: "É egoísmo puro gastar 50 mil dólares para copiar um cachorro quando as ruas estão cheias de animais morrendo. É mais sobre o ego do dono do que sobre o amor pelo bicho." (R5).

Outro aspecto relevante refere-se aos freios éticos explicitados pelos próprios entrevistados, que, embora defendam a clonagem de animais de estimação, demonstram desconforto ou rejeição diante da possibilidade da clonagem humana: "Não é que eu queira ser Deus. Eu só queria a minha cachorra de volta. Se me perguntassem sobre clonar pessoas, eu diria que não faz sentido, seria um caos ético e social. O pet é uma extensão da nossa casa, da nossa rotina. O ser humano tem uma complexidade de alma e sociedade que a clonagem não deveria tocar." (C8).

Contudo, essa separação não se apresenta de forma completamente rígida, em diversas falas, observa-se um flerte discursivo com a clonagem humana, sobretudo quando os entrevistados comparam os procedimentos técnicos da clonagem às práticas já naturalizadas da fertilização in vitro ou da reprodução assistida. Esse movimento revela uma ambivalência ética, na qual os limites morais são afirmados e, simultaneamente, relativizados quando deslocados do humano para o animal. Tal ambiguidade sugere que a resistência à clonagem humana é menos mediada por impossibilidades técnicas e mais por construções culturais e normativas.

O discurso do progresso científico é proeminente nas falas dos especialistas, que destacam a clonagem como ferramenta para a conservação de animais em vias de extinção, desextinção de espécies já perdidas e iniciativas como a clonagem de porcos geneticamente modificados, para transplantes de órgãos em humanos. Essas narrativas reforçam a ideia da ciência como motor de solução de problemas globais, legitimando o desenvolvimento tecnológico em nome de um bem maior. No entanto, a clonagem vem acompanhada de problemas complexos, como a perda de variabilidade genética, alta taxa de abortos e anomalias biológicas que nos fazem questionar se o avanço técnico justifica os impactos éticos e ambientais (Höing, 2019).

Por fim, a clonagem de animais de estimação insere-se em um debate mais amplo sobre a reconfiguração das fronteiras entre vida e morte, natural e artificial, original e cópia (Braidotti, 2013; Anderson, 2017). Ao permitir que fragmentos biológicos sejam armazenados, reproduzidos e reintroduzidos no mundo, a clonagem desafia concepções clássicas de finitude, autenticidade e irreversibilidade da vida (Braidotti, 2013). A noção de que a vida pode ser preservada em bancos genéticos e reprogramada tecnologicamente, desloca o debate ético do campo exclusivamente biológico para dimensões ontológicas e simbólicas. Nesse horizonte pós-humanista (Anderson, 2017; Braidotti, 2013), a clonagem não apenas redefine a relação humano–animal, mas também questiona os fundamentos que sustentam a distinção entre natureza e técnica, abrindo fissuras nas narrativas tradicionais de criação, morte e continuidade da existência (Höing, 2019).

4.5 Discussão

Observa-se um deslocamento nas formas contemporâneas de gerenciamento da morte. Nas sociedades da era moderna, o gerenciamento da morte esteve fortemente ancorado em dispositivos institucionais e ritualísticos, como cemitérios, jazigos, missas e práticas memorialísticas que reafirmam a ausência definitiva do morto (Menezes & Gomes, 2012). Com o advento da clonagem de pets ou do uso de deadbots (De Sousa et al., 2025), observa-se um deslocamento dessa lógica, em que a morte deixa de ser um fim definitivo e passa a ser tratada como uma interrupção temporária, na qual a memória do falecido é preservada seja por meio de sua “reencarnação” em um corpo geneticamente idêntico ou em uma representação digital.

A tecnologia surge como um tipo de “escudo” ou mecanismo de defesa proximal, ao oferecer aos tutores uma promessa de controle diante do inevitável. Mesmo quando a decisão pela clonagem ainda não está tomada, a simples possibilidade de preservar células parece produzir alívio emocional, funcionando como uma espécie de garantia simbólica que ameniza o peso da perda definitiva. Esse conforto paliativo é o que permite ao tutor negociar com o medo da morte. No debate social, porém, esse mesmo recurso tende a ser interpretado como uma forma de negação patológica da finitude. Essa tensão evidencia que o gerenciamento da

morte, nesse contexto, não ocorre apenas no plano pessoal, mas também é socialmente disputado, oscilando entre a legitimação afetiva privada e o julgamento moral coletivo.

Embora a ciência e os próprios entrevistados reconheçam o clone como um novo indivíduo, suas práticas revelam um movimento simultâneo de continuidade simbólica com o animal falecido. Isso aparece, por exemplo, na atribuição do mesmo nome, no estímulo a hábitos semelhantes e na interpretação de traços físicos e maneirismos como sinais de permanência identitária. Nessa lógica, semelhanças comportamentais e corporais passam a ser lidas como evidências de que algo essencial do pet anterior foi preservado. Esse processo transforma a clonagem em um ritual pós-morte contemporâneo, no qual a morte é reconfigurada como uma etapa circular: o corpo anterior perece, mas é sucedido por outro que, progressivamente, passa a incorporar traços percebidos como pertencentes à "alma" do animal falecido, permitindo que o vínculo afetivo ultrapasse a finitude biológica.

O dilema reside no hiato entre a entrega técnica e a expectativa afetiva. Embora os especialistas enfatizem que o comportamento é moldado também pelo ambiente e que o clone deva ser compreendido como um novo indivíduo, muitos clientes parecem buscar, na materialidade desse simulacro, a confirmação de que a vida não foi efetivamente interrompida. Mais do que novidade, o que se procura é continuidade, especialmente em sinais sutis que possam remeter ao animal anterior. Nesse sentido, a clonagem de pets pode ser percebida como um recurso tecnocientífico de enfrentamento da perda, ao materializar uma expectativa de continuidade diante da finitude do self estendido.

Neste contexto, propomos o conceito de "Necroextensão Afetiva", entendido como o processo pelo qual donos de pets recorrem à clonagem como estratégia de consumo para "ressuscitar" simbolicamente o animal falecido, estendendo o self para além da finitude biológica. O conceito articula o extended self (Belk, 1996) com a TMT (Pyszczynski et al., 2020), ao interpretar a clonagem não apenas como uma técnica científica, mas como uma prática orientada à gestão da perda. Por meio dela, a morte não é simplesmente aceita, mas negociada, na medida em que vínculos afetivos são reconstruídos por mediação tecnológica. Nesse processo, o pet clonado passa a funcionar como um amortecedor existencial, um recurso que transforma a ruptura da perda em uma forma de continuidade materializada, borrando as fronteiras entre vivo e morto, natural e artificial.

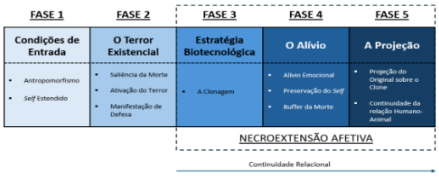
A Figura 5 ilustra o modelo conceitual da necroextensão afetiva, como um processo dinâmico em cinco fases, organizado de forma sequencial e interdependente. A Fase 1 (Condições de Entrada) corresponde à relação humano-animal profundamente antropomorfizada, na qual o pet é incorporado como self estendido do tutor. Esse vínculo identitário intenso constitui o ponto de partida do processo. Na Fase 2 (O Terror Existencial), a finitude do animal ativa a saliência da morte, desencadeando o terror existencial e mobilizando mecanismos de defesa psicológica previstos pela TMT.

Diante dessa angústia, surge a Fase 3 (Estratégia Biotecnológica), materializada pela clonagem, que atua como resposta tecnológica à ameaça existencial. A Fase 4 (O Alívio) representa o momento em que a clonagem produz alívio emocional, preservação do self e buffer da morte, atuando como amortecedor imediato da ansiedade. Por fim, a Fase 5 (A Projeção) concretiza a projeção do animal original sobre o clone, restaurando a continuidade da relação humano-animal.

A Necroextensão Afetiva refere-se ao uso de artefatos biotecnológicos para prolongar a presença emocional de um ente perdido, mantendo sua função no self do tutor. Nesse modelo, o extended self (Belk, 1996) é ampliado para além da materialidade convencional, incorporando o pet clonado como uma extensão necrotecnológica da identidade do proprietário. Mais do que preservar traços do animal falecido, o clone permite sustentar vínculos afetivos e narrativas interrompidas pela morte, operando como um recurso de autopreservação emocional e simbólica. Ao integrar elementos do póshumanismo (Braidotti, 2013), o framework também

tensiona distinções ontológicas tradicionais, posicionando o clone como um híbrido que desafia separações entre humano e animal, vivo e morto, e natureza e tecnologia.

Figura 5. Framework conceitual da Necroextensão afetiva. Processo em cinco fases, da saliência da morte à continuidade relacional



5 Conclusões

O estudo avança na literatura ao situar a clonagem de pets no centro das teorias do self, do TMT e pós-humano. Sob essa ótica, a morte do pet representa uma ameaça direta à integridade e à continuidade do self do tutor, pois o animal profundamente antropomorfizado, se integra de forma constitutiva a estrutura identitária do tutor como fonte de apego, estabilidade emocional e significado existencial. A perda do animal interrompe a narrativa do eu, gerando um colapso que a clonagem busca remediar, ao operar como um dispositivo de extensão emocional além da morte biológica. Assim, o pet clonado funciona como um buffer tecnológico, revelando uma dinâmica na qual a finitude é transformada em continuidade negociada e expandindo o escopo da TMT para domínios biotecnológicos e transumanistas.

O artigo inova ao propor o conceito de necroextensão afetiva, que representa um avanço conceitual na compreensão das interseções entre biotecnologia, luto e identidade na contemporaneidade. Ao reposicionar a clonagem de pets não como mera replicação genética, mas como prática consumista e simbólica de prolongamento do self. Ao deslocar o debate do plano técnico-biológico para uma ontologia pós-humana, o estudo demonstra que a clonagem opera como mecanismo de negociação da finitude. Nesse sentido, o luto deixa de ser apenas experiência de ruptura e passa a ser reconfigurado como prática necroconsumidora, na qual a técnica oferece simulacros de permanência.

A necroextensão afetiva inaugura uma agenda de pesquisa sobre como tecnologias emergentes não apenas mitigam a morte, mas reformulam a própria experiência da finitude. Se, historicamente, a cultura oferecia narrativas de transcendência, agora a técnica oferece simulacros de continuidade. Este estudo, portanto, contribui para a literatura ao introduzir uma lente capaz de analisar futuras tecnologias de prolongamento identitário, da biotecnologia à inteligência artificial, sob a lógica da extensão e da manutenção pós-morte do self.

Em última instância, este estudo sugere que a tecnologia não apenas media o luto, mas redefine as condições ontológicas da morte no consumo contemporâneo. Ao transformar a finitude em uma continuidade negociável, a clonagem de pets revela um deslocamento mais amplo: de uma cultura que aprende a aceitar a morte para outra que passa a administrá-la. Nesse movimento, o consumo deixa de apenas expressar identidade e passa a operar como mecanismo de sua preservação para além da própria morte.

5.1 Contribuições teóricas

Este estudo apresenta três contribuições principais para a literatura. Primeiramente, este estudo amplia a literatura sobre self estendido ao sugerir que a incorporação do pet à identidade do tutor pode persistir após sua morte, de forma simbólica e material. Mais do que extensão, os resultados indicam uma reconfiguração do próprio conceito de self, cuja continuidade deixa de depender exclusivamente de suportes simbólicos e passa a ser parcialmente sustentada por infraestruturas tecnológicas.

Em segundo lugar, o estudo amplia a TMT ao indicar que, nesse contexto, os mecanismos de defesa frente à morte não se limitam a sistemas culturais, mas passam a incorporar dispositivos técnicos emergentes capazes de oferecer continuidade tangível. Diferentemente de sistemas simbólicos que oferecem conforto existencial, a clonagem é

percebida como uma forma concreta de continuidade, deslocando o manejo da ansiedade existencial da esfera cultural para a tecnobiológica, o que sugere que os chamados buffers de ansiedade podem assumir formas materializadas e mediadas pelo mercado.

Por fim, o estudo contribui para os debates sobre pós-humanismo e consumo ao mostrar que a clonagem de pets redimensiona as fronteiras entre original e cópia, entre natural e artificial, entre vida e continuidade. O clone emerge não como substituto, mas como artefato híbrido de permanência afetiva, reposicionando esse consumo como um mecanismo de preservação identitária para além da morte e ampliando a discussão sobre luto, vínculo e tecnologia no consumo contemporâneo. Com isso, o estudo sugere que o self não termina com a morte do outro, mas pode ser tecnicamente sustentado após ela.

5.2 Contribuições gerenciais

Do ponto de vista gerencial, o estudo sugere que consumidores de serviços de clonagem não buscam apenas replicação genética, mas uma promessa de continuidade afetiva e identitária. Esse entendimento pode orientar comunicações mais sensíveis ao luto, além de ajudar empresas a calibrar expectativas sobre semelhança comportamental e limites da clonagem.

Os resultados sugerem que a proposta de valor desse mercado não reside na reprodução biológica em si, mas na gestão da perda, o que demanda uma reconfiguração das práticas comerciais e comunicacionais do setor. Nesse sentido, empresas devem reconhecer que operam em contextos de alta vulnerabilidade emocional, indicando a necessidade de protocolos éticos para interações com clientes em situação de alta demanda emocional. Isso inclui maior transparência sobre o que a clonagem pode ou não reproduzir, preparação das equipes para lidar com sofrimento e adoção de práticas que reduzam o risco de exploração comercial da dor.

Além disso, o estudo oferece subsídios para o desenho de diretrizes regulatórias e práticas responsáveis, como aconselhamento pré-decisão, esclarecimento técnico e suporte psicológico. Tais medidas podem contribuir para maior legitimidade social do setor e para uma atuação mais responsável em contextos marcados por luto e sensibilidade emocional, indicando que a sustentabilidade desse mercado depende não apenas de avanços tecnológicos, mas também da sua capacidade de sustentar relações de confiança com os consumidores e demais stakeholders.

5.3 Limitações do estudo e estudos futuros

Entre as limitações do estudo, destaca-se o perfil socioeconômico dos entrevistados, concentrado em indivíduos com maior poder aquisitivo, o que restringe a compreensão de como a prática é percebida em outros segmentos. Além disso, por se tratar de uma pesquisa qualitativa fenomenológica, os resultados aprofundam a experiência vivida, mas não permitem generalizações estatísticas. Pesquisas futuras podem examinar a necroextensão afetiva em estudos longitudinais que acompanhem tutores antes, durante e após a clonagem. Também seria relevante investigar, em diferentes contextos culturais, se a prática atenua ou prolonga o sofrimento, bem como os efeitos de regulamentações emergentes sobre sua legitimidade e aceitação social.

Referências

Anderson, N. (2017). Pre- and posthuman animals: The limits and possibilities of animalhuman relations. In J. Weinstein & C. Colebrook (Eds.), Posthumous life: Theorizing beyond the posthuman (pp. 17–42). Columbia University Press. https://doi.org/10.7312/wein17214-002

Arendsen, J. L., Brugman, B. C., van Koningsbruggen, G. M., & Fransen, M. L. (2025). Terror management theory in the consumer domain: A systematic review and meta-analysis on mortality salience driven consumer responses. International Journal of Consumer Studies. Advance online publication. https://doi.org/10.1111/ijcs.70056

Bao, A., & Zeng, Y. (2024). Embracing grief in the age of deathbots: a temporary tool, not a permanent solution. Ethics and Information Technology, 26(1), 7. Bardin, L. (2016). Análise de conteúdo. Edições 70.

Beatson, R., Loughnan, S., & Halloran, M. (2009). Attitudes toward animals: The effect of priming thoughts of human-animal similarities and mortality salience on the evaluation of companion animals. Society & Animals: Journal of Human-Animal Studies, 17(1), 72–89. https://doi.org/10.1163/156853009X393774

Belk, R. W. (1996). Metaphoric relationships with pets. Society & Animals, 4(2), 121– 145. https://doi.org/10.1163/156853096X00115

Bouma, E. M., Reijgwart, M. L., & Dijkstra, A. (2021). Family member, best friend, child or 'just'a pet, owners' relationship perceptions and consequences for their cats. International journal of environmental research and public health, 19(1), 193.

Boya, U., Dotson, M., & Hyatt, E. (2012). Dimensions of the dog–human relationship: A segmentation approach. Journal of Targeting, Measurement and Analysis for Marketing, 20(3–4), 133–143. https://doi.org/10.1057/jt.2012.8

Braidotti, R. (2013). Posthuman Humanities. European Educational Research Journal, 12(1), 1-19. https://doi.org/10.2304/eerj.2013.12.1.1

ConsumerAffairs (2024). Pets are family: Survey. ConsumerAffairs. https://www.consumeraffairs.com/pets/pets-are-family.html

De Sousa, T. M. F., Bizarrias, F. S., Raposo, L. L., & da Cruz, D. L. (2025). When AI becomes afterlife: Psychological factors driving acceptance of thanabots services. Journal of Services Marketing.

Dotson, M. J., & Hyatt, E. M. (2008). Understanding dog–human companionship. Journal of Business Research, 61(5), 457–466. https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2007.07.019

Ellis, A., Loughnan, S., Hawkins, R. D., & Stanton, S. C. (2024). The associations between human–companion animal relationship duration, companion animal life stage, and relationship quality. Animals, 14(11), 1606.

Fritsche, I., & Hoppe, A. (2019). We supernaturals: Terror management and people's ambivalent relationship with nature. In C. Routledge & M. Vess (Eds.), Handbook of terror management theory (pp. 157–178). Elsevier Academic Press. https://doi.org/10.1016/B978-0-12-811844-3.00006-8

Khan, F. M., Anas, M., & Uddin, S. F. (2024). Anthropomorphism and consumer behaviour: A SPAR-4-SLR protocol compliant hybrid review. International Journal of Consumer Studies, 48(1), e12985. https://doi.org/10.1111/ijcs.12985

Kuehne, J., Lieu, J., Kotera, Y., & Taylor, E. (2022). Pets' impact on people`s well-being in COVID-19: A quantitative study. Journal of Concurrent Disorders. https://doi.org/10.54127/FABB9024

Hirschman, E. C. (1994). Consumers and their animal companions. Journal of Consumer Research, 20(4), 616–632. https://doi.org/10.1086/209372

Höing, A. (2019). Uncanny Pets: Posthuman Dimensions of the Depiction of Companion Animals in 21st-Century British Literature. https://doi.org/10.33675/ANGL/2019/2/9

Holbrook, M. B., Stephens, M. L., Day, E., Holbrook, S. M., & Strazar, G. (2001). A collective stereographic photo essay on key aspects of animal companionship: The truth about dogs and cats. Academy of Marketing Science Review, 1(1), 1–16.

Lifshin, U. (2023). Anxiety management and animal rights: Past present and Future. In Animal rights: Past Present and Future Perspectives. New York: Nova Science Publisher.

Lifshin, U., Greenberg, J., Zestcott, C. A., & Sullivan, D. (2017). The Evil Animal: A Terror Management Theory Perspective on the Human Tendency to Kill Animals. Personality and Social Psychology Bulletin, 43(6), 743-757. https://doi.org/10.1177/0146167217697092

Lindemann, N. F. (2022). The ethics of 'deathbots'. Science and Engineering Ethics, 28(6), 60.